



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

LUDMILLA MARTINS GOMES DA SILVA

**MULHERES E RESISTÊNCIAS: CONEXÕES ENTRE A REGIÃO CENTRO-
AFRICANA E A HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

LUDMILLA MARTINS GOMES DA SILVA

**MULHERES E RESISTÊNCIAS: CONEXÕES ENTRE A REGIÃO CENTRO-
AFRICANA E A HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA**

Apresentação de Projeto de pesquisa e o produto: Material Paradidático, com o requisito para obtenção do título de Licenciada em História, no curso de Licenciatura em História, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Campus Malês - BA, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Idalina Maria Almeida de Freitas.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

LUDMILLA MARTINS GOMES DA SILVA

**MULHERES E RESISTÊNCIAS: CONEXÕES ENTRE A REGIÃO CENTRO-
AFRICANA E A HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA**

Apresentação de Projeto de pesquisa e o produto: Material Paradidático, com o requisito para obtenção do título de Licenciada em História, no curso de Licenciatura em História, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Campus Malês - BA, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Idalina Maria Almeida de Freitas.

Data de aprovação: 21/08/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Idalina Maria Almeida de Freitas

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Maria Cláudia Cardoso Ferreira

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Igor Fonsêca de Oliveira

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	JUSTIFICATIVA E PROBLEMATIZAÇÃO	7
2.1	O MATERIAL DIDÁTICO	7
3	OBJETIVO GERAL	10
3.1	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
4	METODOLOGIA	10
5	REFERENCIAL TEÓRICO	14
5.1	DIALOGANDO COM A HISTORIOGRAFIA	14
5.2	HISTÓRIA DAS MULHERES E GÊNERO: PERSPECTIVAS HISTORIOGRÁFICAS	16
5.3	MATERIAIS DIDÁTICOS, EDUCAÇÃO E AS LEIS EDUCACIONAIS NO BRASIL	18
5.4	IMPORTÂNCIA DA PRODUÇÃO DE PARADIDÁTICOS: CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA	20
6	CONCLUSÃO	23
	REFERÊNCIAS	24

1 INTRODUÇÃO

Partindo das análises feitas em livros didáticos de história (brasileiros e africanos) no decorrer da licenciatura em História, das experiências em atividades de ensino em escolas da rede municipal, grupos de extensão e PIBID, bem como da participação no projeto de pesquisa de “*Ensino de História nos Espaços Lusófonos*”, surgiu o interesse pela construção desse TCC. Temos como objetivo pensar a partir de tais experiências, como os livros didáticos de História trabalham a história da África e as relações históricas entre o Brasil e o continente africano, e como tais ações são também compreendidas por estudantes e professores de história no âmbito da história ensinada.

Todas as experiências no âmbito formativo da universidade e nas escolas de ensino básico, trouxeram indagações a respeito dos materiais didáticos de história e seus usos por professores e alunos, sendo perceptíveis alguns tipos de abordagens e as representações sobre África e Diáspora Africana a meu ver insatisfatórias. A experiência no âmbito da Unilab também despertou tal problematização, ao passo que a convivência e a investigação informal com os colegas angolanos, cabo-verdianos, guineenses, são tomenses, moçambicanos, sobre a forma como aprenderam História na educação básica, como e quais personagens tiveram acesso nesse contexto e os sentidos de suas histórias, dentre outros aspectos, nos causaram ainda maior inquietação.

Leva-se em consideração a ausência na maioria dos materiais e abordagens de ensino de história africana, a participação de mulheres em determinados processos históricos. Essa percepção validou algumas indagações, por exemplo, pensar que os materiais didáticos, especialmente os livros paradidáticos são “ (...) *voltados ao ensino com o objetivo de dar suporte ao uso do livro didático (...)*”¹, ou seja, uma outra ferramenta para leitura e ensino-aprendizagem que está inserido na sociedade e nas escolas, ou ao menos deveria estar.

Conseqüentemente esse trabalho busca contribuir no ensino de história e na construção da consciência histórica² dos estudantes, a partir de alguns temas, tais como o estudo de um recorte sobre a África, a escravidão e a emergência de uma intelectualidade feminina africana

¹ THOMSON, Beatriz. “Os paradidáticos no ensino de História”. Revista do Lhiste, Porto Alegre, num.4, vol.3, jan/jun. 2016, p.30.

² A consciência histórica relaciona “ser” (identidade) e “dever” (ação) em uma narrativa significativa que toma os acontecimentos do passado com o objetivo de dar identidade aos sujeitos a partir de suas experiências individuais e coletivas e de tornar inteligível o seu presente, conferindo uma expectativa futura a essa atividade atual. SCHMIDT, Maria Auxiliadora. GARCIA, Tânia Maria. “A Formação da Consciência Histórica de Alunos e Professores e o Cotidiano em Aulas de História.”. In: Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 67, set./dez. 2005, p.301.

no contexto contemporâneo, sobretudo na oferta de publicações de cunho literário, porém que nos fornece indícios históricos importantes e possibilidades de conhecimento sobre o continente africano e as relações com o Brasil.

Dessa forma, o trabalho buscou abordar por meio de uma perspectiva de gênero, personagens femininas que podem ser trabalhadas no ensino de história para compreender as dinâmicas do continente africano e da diáspora, tendo em vista que nos livros didáticos a maior parte ainda aborda pontualmente mulheres em algumas temáticas ou somente retratam em imagens que por vezes não dialogam com o conteúdo. Segundo Carla Pinsky, “*Não basta acrescentar as mulheres aos livros de História, é preciso repensar o próprio saber histórico e privilegiar abordagens analíticas.*”³ Sendo assim teremos a oportunidade com o material produzido, realizar uma abordagem que dialoga e que possa contribuir com os estudos de gênero na história, assim como a história africana e afro-diaspórica, e de utilizar esse material na elaboração de aulas.

Para execução e produção deste material didático, percorremos os caminhos da metodologia qualitativa, através de levantamento e análise bibliográfica, também trabalhamos com a realização e o tratamento de entrevistas, questionários, a fim de coletar dados e informações sobre as histórias de mulheres africanas e afro-diaspóricas no período da escravidão e na contemporaneidade. Dessa forma, podemos trazer como exemplo, os questionários respondido das e dos depoentes, que sinalizaram o que haviam estudado sobre N’Zinga Mbande, Kimpa Vita e Lueji A’Nkonde, sendo conteúdos abordados tanto na escola quanto em casa, sendo que a maior parte das vezes era visto na escola e com o uso de poucos livros didáticos; já na questão de mulheres contemporâneas, citaram alguns nomes, como por exemplo, Winnie Mandela, mas considerei mais importante e interessante, a presença e afirmação de trazerem nomes das próprias mães e outras mulheres das vossas famílias. Na entrevista com o Christ Wa Tshibuabua Kamanda também foi registrado alguns relatos sobre o conteúdo abordado na escola e mulheres contemporâneas:

Na escola quando tinha entre 8 (oito) e 9 (nove) anos; também vi em casa falando com irmãos, primos e nos livros de quadrinhos que tinha em casa sobre a N’Zinga e Kimpa Vita(...) Sim; estudei sobre uma mulher Anoiritte Nengapeta era do Norte do Congo foi uma mulher com muita qualidade, se converteu para o catolicismo, ela foi assassinada, o corpo não degradou rápido e há uma oração para ela; Winnie Mandikizila Mandela ex- mulher de Mandela estudei sobre a questão de resistência, é uma espécie de outra N’Zinga, uma N’Zinga da contemporaneidade que lutou

³PINSKY, Carla. In: “Estudos de Gênero e História Social”. In: Estudos Feministas, Florianópolis, janeiro-abril/2009, p.161.

contra o sistema apartheid;⁴

Ou seja, essas perspectivas foram abordadas nos conteúdos de história, segundo as/os depoentes e entrevistado, porém é necessário salientar que haviam limitações nos materiais didáticos. Sendo assim, o material didático foi pensando numa perspectiva de ação pedagógica que está estruturada em capítulos e que apresenta as narrativas de três mulheres centro-africanas e de algumas mulheres contemporâneas.

2 JUSTIFICATIVA E PROBLEMATIZAÇÃO

2.1 O MATERIAL DIDÁTICO

A inquietação de produzir um material paradidático, propondo perspectivas de ensino a partir de personagens mulheres, ocorreu a partir das experiências e conhecimentos adquiridos no decorrer do percurso acadêmico na UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira), ou seja, toda essa bagagem que foi adquirida nos anos vivenciados, de estudos e pesquisas, fizeram notar a ausência de mulheres e o uso pejorativo para retratar África, africanas/os e diaspóricas/os nos livros didáticos. Dessa forma, essa proposta de material didático tem como objetivo integrar uma ação pedagógica através do PPC do curso de História, ou seja, visa contribuir nas escolas de ensino básico no território brasileiro, criando oportunidades de conhecer e estudar outras perspectivas de História da formação da população brasileira, com um recorte a partir das experiências femininas e algumas narrativas que contribuam para dar representatividade, sentido de pertencimento, construção da consciência histórica e auto-afirmação das identidades múltiplas das e dos educandas/os.

Como público-alvo serão as/os estudantes de escolas de ensino básico, do 7º ano do ensino fundamental II e também sendo material de apoio para estudantes do 2º ano do ensino médio, ambos os anos, estudam essa temporalidade e o conteúdo, seguindo a BNCC (Base Nacional Comum Curricular)⁵, algumas das orientações da BNCC:

⁴ Entrevista concedida por Christ Wa Tshibuabua Kamanda, no dia 26 de dezembro de 2018, na cidade de São Paulo.

⁵ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, MINISTRO DA EDUCAÇÃO: Rossieli Soares da Silva. In: “BNCC- Base Nacional Comum Curricular”- Brasília, 2018, p. 422.

História - 7º Ano- Unidade Temática: Lógicas comerciais e mercantis da modernidade; Objetos de conhecimento: As lógicas internas das sociedades africanas, As formas de organização das sociedades ameríndias, A escravidão moderna e o tráfico de escravizados; Habilidades: (EF07HI15) Discutir o conceito de escravidão moderna e suas distinções em relação ao escravismo antigo e à servidão medieval; (EF07HI16) Analisar os mecanismos e as dinâmicas de comércio de escravizados em suas diferentes fases, identificando os agentes responsáveis pelo tráfico e as regiões e zonas africanas de procedência dos escravizados.

Consequentemente, o material virá como uma proposta a partir das leis 10.639/03 e 11.645/08⁶, ou seja, com o objetivo de possibilitar às educandas/os o ensino de história com um perspectiva a partir das histórias das mulheres africanas e diaspóricas. Com o intuito de mostrar que essas narrativas femininas são compostas de momentos para além de sofrimento, ou seja, são momentos de muita resistência, sabedoria, tradição, coletividade e solidariedade, visto que são essas marcas e tradições deixadas que vivem ainda hoje presentes no território brasileiro formando assim as múltiplas identidades brasileiras, desde as questões raciais, sociais, culturais, religiosas etc.

É necessário aqui pontuar e fazer um relato de duas experiências que foram perceptíveis notar a ausência e/ou a invisibilidade de mulheres brasileiras e africanas nos materiais didáticos brasileiros. Uma dessas análises foi feita em dupla na disciplina de laboratório de ensino, fontes e métodos I, no final de 2017, componente obrigatório do curso de História. O livro analisado foi História: Sociedade e Cidadania, autoria de Alfredo Boulos Júnior editado no ano de 2013. Foi analisado o capítulo 8 – intitulado Independências: África e Ásia. Em um capítulo de quinze páginas, somente na página inicial do capítulo havia uma gravura representando uma mulher nua, com cara de sofrimento e amamentando uma criança também nua e aparentemente desnutrida; essa gravura estava acompanhada de um poema chamado “Mama Negra” escrito por um autor angolano. Para além dessa imagem, não houve mais nenhuma representatividade feminina no restante do capítulo, aqui nota-se a invisibilidade que as mulheres africanas sofrem em não serem reconhecidas, de não serem ressaltadas as suas contribuições que tiveram para a luta de libertação dos países, assim como para outros momentos históricos e que a representação feita também só reafirmou o olhar pejorativo sobre a mulher negra africana.

⁶ Acessado em 21 de março de 2019: site do planalto sobre a Lei 10.639/03, sanção dia 09 de janeiro de 2003, pelo governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva-
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm

Acessado em 21 de março de 2019: site do planalto sobre a Lei 11.645/08, sanção dia 10 de março de 2008, pelo governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva-
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm

Não estamos dizendo que não é importante pontuar os líderes de independência, no entanto, não houveram somente os líderes, tinham também as bases, os militares, as mulheres, dentre outros, assim achamos que seja conveniente abordamos o máximo possível de sujeitos, enfatizando a diversidade que compunham os grandes feitos e não somente os líderes, até porque também haviam líderes mulheres e no capítulo não foram retratadas, assim nos deparamos novamente com o desafio de inserção não só para com a história e cultura negra, mas também para com as mulheres e as outras “classes minoritárias”.⁷

A segunda experiência de análise foi a partir de um livro didático brasileiro, dando maior ênfase a alguns temas que recaiam sobre o continente africano. O livro analisado foi “História: das cavernas ao terceiro milênio” escrito pelas autoras Patrícia Ramos Braick e Myriam Becho Mota, do ano de 2017. Nos conteúdos analisados as relações de gênero são representadas superficialmente, no capítulo sobre Escravidão apresenta a imagem de uma mulher na condição de escravizada – a escrava de ganho - representada com poucas informações sobre as suas atividades, com uma criança nas costas, com travessa de alimentos sobre a cabeça e com os pés descalços. Assim é válido demarcar que a ausência pode até ter sido superada em alguns aspectos, fica a análise e o questionamento: como as mulheres estão sendo inseridas nos contextos históricos, nos materiais e nas aulas de História? Sobretudo em temas sensíveis como a escravidão.

Foram essas e outras análises que deram o impulso de realizar um projeto com caráter de ação pedagógica, através de uma produção paradidática. Uma ação que busca dar um entendimento do porquê essa ausência e representação deslocada e inferiorizada das mulheres africanas e afro-brasileiras nos materiais didáticos e no ensino de história e juntamente com a tentativa de produzir um material de ensino de história que possa contribuir para as áreas de pesquisa e ensino sobre Gênero, África e Diáspora.

Por fim, tendo em vista que no PPC do curso de Licenciatura em História da UNILAB Campus Malês, preza como uma das mobilidades o TCC com o caráter de ação pedagógica, buscamos atrelar essa modalidade com as ações pedagógicas realizadas ao longo da licenciatura (estágio, PIBID⁸ e regência) e propor um material didático que seja tanto o reflexo-ação dessas experiências pedagógicas quanto para as ações pedagógicas futuras.

⁷ SILVA, Ludmilla Martins Gomes da Silva. COSTA, Magnusson. “Relatório de Análise do Livro Didático de História”. In: Componente Curricular Obrigatório- Laboratório de ensino, fontes e métodos I, dez.2017, p. 11.

⁸ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

3 OBJETIVO GERAL

Este material didático tem como objetivo contribuir para o ensino de história africana e afro-brasileira, a partir das histórias e experiências de mulheres africanas e afro-brasileiras. Busca possibilitar que as/os educandas/os tenham percepções de outras narrativas e personagens em tal contexto, assim como possibilite o ensino de História com bases de apoio para a compreensão da formação de um recorte da sociedade africana e da diáspora por meio das experiências femininas.

3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ❖ Compreender a produção de materiais didáticos destinados a educação básica;
- ❖ Conhecer algumas narrativas da história da região centro-africana e da diáspora africana no Brasil, a partir das experiências das mulheres africanas e afro-brasileiras;
- ❖ Compreender a importância e a contribuição das mulheres nas sociedades africanas e diaspóricas no ensino e na pesquisa em História;
- ❖ Refletir sobre a importância de temas sensíveis para o Ensino de História, como as relações de gênero e a história das mulheres, incluindo também a questão da raça.

4 METODOLOGIA

A metodologia do trabalho e a produção do livro paradidático teve um caráter qualitativo, sendo baseado em um processo de levantamento e análise bibliográfica, ou seja, a partir de teóricos/as que descreveram, narraram sobre as histórias de mulheres africanas (N'Zinga, Kimpa Vita, e Lueji) em África Central (Congo, Angola e República Democrática do Congo) regiões que antes formavam alguns Reinos (N'donko, Matamba, Kongo, Luba, Tchokwe, etc.). Nesse levantamento tivemos algumas dificuldades tanto por ausência de materiais e fontes, por exemplo, muitos dos artigos e vídeos encontrados estão em língua francesa e/ ou inglesa, dificultando parte do levantamento, arquivamento, análise e uso desses referenciais.

Para os usos no ensino de história, que necessitam de uma linguagem acessível e adequada, encontramos poucas informações sobre as personagens que pretendemos

representar no material paradidático. Também foi feito o uso de referências teóricas sobre as relações de gêneros na história, história das mulheres, assim como o ensino- aprendizagem em história, materiais didáticos e produções paradidáticas.

Outro aspecto que nos chamou atenção foi o fato da maior parte das produções que discutem os paradidáticos serem feitas por instituições acadêmicas da região sul e sudeste do Brasil, essa mesma percepção tivemos na concentração de produções sobre História das Mulheres e Gênero que prevalecem nas regiões Sudeste e Sul do país, mesmo que esse cenário já esteja em transformação ao longo dos últimos anos.

Também chamamos a atenção para a importância do conhecimento e reflexões sobre os usos dos Parâmetros Curriculares com ênfase na orientação sexual e pluralidade cultural- que a partir da década de 1990 busca inserir nas escolas a educação sobre orientação sexual; e o respeito e valorização das características étnicas e culturais dos grupos sociais no território brasileiro, etc.; das leis 10.639/03 e 11.645/08; LDB- Lei das Diretrizes e Bases, BNCC- Base Nacional Curricular Comum e do PNLD- Plano Nacional do Livro Didático.

Conseqüentemente buscamos outras estratégias metodológicas para realizar a pesquisa e fundamentação na produção do material didático. Temos como objetivo a partir do livro, a possibilidade de diálogo com a lei 10.639/03 em salas de aulas e também em bibliotecas, visando caminhos para um processo de ensino-aprendizagem das/os estudantes com qualidade e diversidade. Dessa forma o período de coleta de dados bibliográficos se deu a partir de julho de 2018 até abril de 2019, que foram feitas tanto em sites acadêmicos, artigos, quanto em bibliotecas virtuais e físicas, a partir da busca e sugestões da discente e da orientadora.

No quesito pesquisa de campo, optamos por dividir em três partes, sendo elas: a primeira parte feita através de entrevista no dia 26 de dezembro de 2018 no Centro de São Paulo, as perguntas foram feitas para um Democrata-Congolês, que vive em São Paulo-capital, ele é responsável pelo MIM (Migrant Mission) uma associação da qual também faço parte e que tem como objetivo dar auxílio e fazer difusão artística e cultural aos imigrantes africanos/as que residem em São Paulo-capital; essa entrevista tinha como objetivo ter algumas informações sobre as mulheres: N'Zinga MBande, Kimpa Vita, Lueji A'Nkonde, das quais vem sendo estudada e saber se ele teve o ensino e aprendizagem em História sobre essas mulheres, seja tanto dentro de sala de aula/ escola, quanto em casa e/ou em outros espaços. O entrevistado, Christ Wa Tshibuabua Kamanda não quis fazer gravação, então as informações foram todas registradas naquele momento da conversa, dessa maneira, ele nos concedeu algumas informações sobre o ensino no seu país, uso de livros didáticos e paradidáticos e a

representatividade feminina. Na entrevista podemos notar a importância que ele deu ao aprender sobre mulheres africanas, como aprendeu, onde e sobre os livros paradigmáticos no ensino-aprendizagem, em seu depoimento relatou:

Entrevistado - Na escola quando tinha entre 8 (oito) e 9 (nove) anos; também vi em casa falando com irmãos, primos e **nos livros de quadrinhos que tinha em casa sobre a N'Zinga e Kimpa Vita.**

Entrevistadora- Você conhece ou sugere Histórias de mulheres africanas na Contemporaneidade que possam ser inseridas em manuais didáticos?

Entrevistado - Porque a mulher está numa condição de submissão em África? **Na História da África a mulher africana sempre esteve a frente, as mulheres não assinaram papel para os ocidentais ocuparem as terras, elas sempre batalhavam e morriam ao invés de traír.** Mani Congo; Mãe do Shaka Zulu (grande guerreira); Nina (Jamaica) e Tubman (EUA).

“Aquele que souber educar sua filha educa todo o povo”.⁹

Dessa forma, nossa metodologia também perpassou pela história oral tendo em vista a importância que ela ganhou no campo desta ciência, tanto como teoria quanto metodologia, assim a entrevista foi semi-estruturada, mas permitiu que o entrevistado tivesse liberdade para falar abertamente sobre a temática. A prática da história oral, além de fortalecer a pesquisa, possibilita uma interação entre entrevistado, historiador/a, e a memória, por exemplo, no fragmento acima que mostra parte da entrevista, retratando parte da memória que o entrevistado trouxe pela oralidade e a interação entre entrevistado e entrevistadora. François Hartog ressalta *“A história oral não somente suscita novos objetos e uma nova documentação (...), como também estabelece uma relação original entre o historiador e os sujeitos da história.”*¹⁰

A segunda prática de campo, *a priori* seria um grupo focal com discentes angolanas/os da UNILAB Campus Malês, por conta de alguns imprevistos a estratégia teve que ser modificada e então foi feita a partir da realização de questionário *online* pelo formulário do *google* que foi encaminhado para o *email* de duas estudantes angolanas e três estudantes angolanos (todas/os discentes da UNILAB Campus-Malês). O envio do questionário para os participantes foi feito no dia 22 de fevereiro de 2019 e foi respondido no dia 01 de março de 2019. A escolha pelas angolanas foi pela pesquisa ter como principal um dos pontos explorados, personagens africanas centro-ocidentais, região da atual Angola (porém como angolanas são minorias no Campus), e a escolha também se deu pelo período de inserção, ou

⁹ Entrevista concedida por Christ Wa Tshibuabua Kamanda, no dia 26 de dezembro de 2018, na cidade de São Paulo.

¹⁰ FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In: FERREIRA, Marieta de oraes; AMADO, Janaína (Orgs.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 07.

seja, tentamos mesclar as entradas dos cursos e os cursos da instituição. Dessa forma, o questionário foi sucinto, solicitando uma breve apresentação (nome, curso, naturalidade/província), seguida por 9 questões, sendo 5 dissertativas/ abertas e 4 objetivas. O questionário teve como objetivo adquirir algumas informações sobre essas três mulheres centro africanas e que serão retratadas no livro paradidático, através das experiências das/os colegas. Temos como exemplo algumas das perguntas usadas no questionário: “*O que estudaram sobre N’Zinga, Kimpa Vita, Lueji, etc?; Com qual material estudaram?*”.¹¹

Tanto na entrevista, quanto no questionário, consideramos que foram momentos de interação, houve uma troca de conhecimento, resgate das memórias, processos de escuta e fala, desse modo, foi possível identificar a construção de consciência histórica das/os entrevistadas/os. Podemos citar que foram momentos que lembraram-se do passado para compreender o presente, através de agentes históricas, do tempo e do espaço, ou seja:

(...) a consciência histórica dá à vida uma “concepção do curso do tempo”, trata do passado como experiência e “revela o tecido da mudança temporal no qual estão amarradas as nossas vidas, bem como as experiências futuras para as quais se dirigem as mudanças”¹²

E por último, o fio condutor foram as análises de livros didáticos, sendo realizadas tanto em casa como parte para a construção do TCC e por conta dos componentes curriculares do curso de história. Através das análises de livros didáticos brasileiros foi perceptível notar o quanto esse instrumento é importante no ensino e que ainda há algumas lacunas a serem preenchidas a partir dos textos e iconografias que por vezes são equivocadas em representar Mulheres e África. Essa parte será essencial para auxiliar na produção do livro (enquanto objeto físico), ou seja, material que é construído e utilizado pelas/os professoras/es com as e os estudantes, além de tentar num segundo momento perceber as práticas de leitura feitas a partir desses materiais.

Nas análises feitas pode-se perceber como os conteúdos sobre África estavam distribuídos e como estavam sendo descritos, também notar a ausência e/ou invisibilidade e inferiorização das mulheres e principalmente as africanas nesses materiais, ou seja, um caminho historiográfico sexista que preza como protagonistas homens e ocultam a presença feminina nos contextos históricos. A partir de diálogos com teóricas/os, conversa com

¹¹ Questionário disponível em:

<https://docs.google.com/forms/d/1q6Onp8fFYF4EKVvmYkeoYM3ztxnufDmj3Lz9hwZMBA/edit>

¹² SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. GARCIA, Tânia Maria. “A Formação da Consciência Histórica de Alunos e Professores e o Cotidiano em Aulas de História.”. In: Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 67, set./dez. 2005, p.301.

angolanas/os, democrata-congolês através de entrevistas e questionários, buscando trazer algumas narrativas/ experiências africanas e afro-brasileiras, a fim de mostrar aos estudantes que os processos históricos são múltiplos e não existe uma história única¹³. Porém como é um assunto muito amplo, o recorte cronológico foi do período do tráfico transatlântico e da escravidão e uma parte da contemporaneidade, a fim de ser um material que realiza conexões com o tempo presente. Dando notoriedade e protagonismo para as mulheres, mostrando fatos que marcaram/ marcam a formação e as identidades das populações centro-africanas e afro-diaspóricas no Brasil.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

5.1 DIALOGANDO COM A HISTORIOGRAFIA

Partindo do pressuposto que esse trabalho é construído ao longo do curso de História e tem como intuito a obtenção do título de licenciatura em História, considera-se importante ter esse tópico historiográfico pautando qual a perspectiva que o material didático (livro paradidático) utilizou na sua produção. Fazendo uma contextualização breve sobre a historiografia enquanto teoria da ciência da História, podemos pensar que a princípio a historiografia passou por algumas vertentes que se tem reflexo até os dias de hoje, algumas mais usadas outras menos, dependendo da temática, da ideologia e do contexto social e político. Perante a esse fato, a historiografia inicia-se com o viés do Positivismo que pauta por falar dos grandes feitos e “*heróis*”, prezando pelo nacionalismo, tem um caráter voltado para os registros dos homens, etc.

Em seguida, surgiu as três gerações da Escola dos Annales que busca trazer teorias e metodologias mais abrangentes para a escrita da história, como por exemplo, estudos sobre pessoas comuns, trabalhadores, escravos, mulheres, etc, também influencia a ampliação do uso de fontes orais, visuais, documentais e diversas outras linguagens. Nessa esteira surge a micro-História que busca reconstruir a história a partir de um sujeito- agente histórico, bem como a História que pode ir do micro ao macro tanto de sujeitos, quanto contextos históricos.

¹³ Acessado em 22 de fevereiro de 2019: “O perigo de uma história única”- Chimamanda Adichie- <https://www.youtube.com/watch?v=ZUtlR1ZWtEY>

E por fim, a Nova História, a História Social, e a também conhecida História Vista de Baixo, que orientam hoje a esmagadora maioria dos programas de graduação e pós-graduação em história, e que foram muito úteis na produção desse material paradidático, ecoando diretamente no ensino e aprendizagem em história que é o nosso principal objetivo. Dessa forma podemos ressaltar que: “*A nova história é a história escrita como uma reação deliberada contra o “paradigma” tradicional, aquele termo útil, embora impreciso, posto em circulação pelo historiador de ciência americano Thomas Kuhn*”¹⁴.

Ou seja, Burke mostra como a produção historiográfica passou a se preocupar com as atividades humanas e as modificações das estruturas das sociedades, mostrando que a História é construída social e culturalmente, que perpassa no tempo e no espaço. A produção do material também optará pelo aporte teórico da historiografia da História Social/ História Vista de baixo que visa abordar as experiências dos sujeitos/ agentes históricos/as que antes não tinham voz na História. Em virtude do que foi detalhado até o momento, o livro paradidático buscará, a partir da historiografia trazer narrativas/ experiências de mulheres africanas no período do tráfico transatlântico e da escravidão. Mais também numa perspectiva mais contemporânea trazendo mulheres afro-brasileiras como Mãe Stella de Oxóssi, Carolina Maria de Jesus, etc, e mulheres africanas como por exemplo, Chimamanda Adichie (nigeriana) e Yaa Gyasi (ganesa), ambas literárias, conseqüentemente, a escolha por elas se deu por um maior aporte teórico de informações ao longo da construção do material, visto que mulheres centro-africanas é mais de Angola, não querendo se limitar a um único país foi necessário incluir outras regiões/país do continente. Trago aqui uma indagação, “*O por que da ausência de mulheres africanas no ramo da História enquanto historiadoras/ pesquisadoras?*”

Como hipótese, trago uma das possíveis conseqüências que seja a falta de representatividade de mulheres tanto na historiografia quanto no ensino de história (nos materiais didáticos), já que não nos deparamos cotidianamente com essa representatividade no decorrer da História enquanto ciência, sendo algo muito distante e/ou alusivo aos olhos das mulheres, isso é notório basta perceber que ambas africanas que retratei acima são literárias e não historiadoras de formação e como observação trago que no curso de História aqui da UNILAB (Campus-Malês) que está já está na sexta turma, somente agora com o ingresso da sexta turma é que temos duas estudantes africana/ guineense no curso. Algo para se pensar se

¹⁴ BURKE, Peter. “A Nova História, Seu Passado E Seu Futuro. IN: Capítulo introdutório do livro A escrita da História: novas perspectivas - São Paulo: Editora UNESP. 1992, p. 2.

houve mudanças de como é constituída a ciência História e de como é esse ensino de história no Brasil e nos países africanos, no entanto essa questão fica para pesquisas futuras.

5.2 HISTÓRIA DAS MULHERES E GÊNERO: PERSPECTIVAS HISTORIOGRÁFICAS

Entende-se que não há como falar de mulheres e não fazer um contexto histórico sobre elas na História. A propósito é significativo trazer as perspectivas historiográficas a respeito da História das Mulheres e História das Relações de Gênero no contexto internacional até chegar ao Brasil. Dessa forma as autoras Raquel Soihet, com o texto “*Violência Simbólica-Saberes Masculinos e Representações Femininas*”¹⁵ e a autora Joana Maria Pedro com o texto “*A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero*”¹⁶, trazem essa perspectiva historiográfica situando onde, quando iniciaram-se esses estudos e quais os objetivos. *A priori* é necessário pontuar que a inserção da História das Mulheres na historiografia assim como as relações de gênero, se deram tanto por mudanças na historiografia já sinalizadas no tópico anterior, como também pela articulação das ondas dos movimentos feministas.

Os primeiros movimentos aconteceram na Europa Ocidental e nos Estados Unidos no século XIX e início do século XX, tendo como um dos principais objetivos a inserção das mulheres na política, o direito ao voto, os direitos sociais e econômicos. Na década de 1960 o objetivo torna-se a liberdade/autonomia pelo corpo, pelo prazer e a luta contra o patriarcado, “*a partir de fins da década de 1960, tiveram papel decisivo no processo em que as mulheres são alçadas à condição de objeto e sujeito da História, marcando a emergência da História das Mulheres*”.¹⁷ Seguidamente na década de 1980 as ondas dos movimentos feministas ganham mais propriedade no Brasil nos âmbitos acadêmicos e com publicações sobre a História das mulheres, sendo um desafio, nesse momento pois: “*Falar de mulher na história significava, então, tentar reparar, em parte, essa exclusão, uma vez que procurar traços da presença feminina em um domínio sempre reservado aos homens era uma tarefa difícil*”.¹⁸ Consequentemente chegando à História das relações de gêneros na década de 1990 tendo como:

¹⁵ SOIHET, R. Violência simbólica. Saberes Masculinos e representações femininas. Estudos Feministas, Rio de Janeiro, 1997, v. 5 n.1, p. 01-23.

¹⁶ PEDRO, Joana Maria. SOIHET, Raquel. “A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das relações de Gênero. Revista Brasileira de História. São Paulo, 2007, v. 27, n° 54, p. 281-300.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Idem.

uma das propostas da História preocupadas com gênero é entender a importância, os significados e a atuação das relações e representações de gênero no passado, suas mudanças e permanências dentro dos processos históricos e suas influências nesses mesmos processos.¹⁹

A partir dessa breve contextualização sobre a historiografia que possibilita por meio de ferramentas teórico-metodológicas a inclusão das mulheres nos processos históricos, é perceptível que o desafio permanece para a inclusão e inserção das mulheres na historiografia, porque as mulheres ainda estão sobre as margens do saber historiográfico como diz a autora Joana Maria Pedro. Em consequência essa margem ultrapassa o campo historiográfico, chegando ao ensino de História, quando as representações femininas nos materiais didáticos são ausentes e/ou invisíveis, tornando-se uma violência simbólica:

Assim, definir a submissão imposta às mulheres como uma violência simbólica ajuda a compreender como a relação de dominação - que é uma relação histórica, cultural e lingüisticamente construída - é sempre afirmada como uma diferença de ordem natural, radical, irreduzível, universal.²⁰

Por fim, é necessário também pontuar sobre onde e por quem são feitas a maioria das produções historiográficas sobre História das mulheres e das relações de gênero até finais do século XX. No momento de levantamento bibliográfico nota-se que a maior parte dessas produções são feitas nos Estados Unidos e na Europa, talvez se explica o porquê da ausência de mulheres africanas e afro-diaspóricas nessa construção de historiografia das mulheres e ausência delas no ramo historiográfico e que no Brasil essas produções também são restritas as regiões Sul e Sudeste do país. Mas também podemos preponderar que tanto no final do século XX quanto agora no decorrer das primeiras décadas do século XXI, esses estudos sobre mulheres e gêneros vêm ganhando novos e mais espaços, tanto por essa inserção historiográfica quanto pela crescente e afirmação das ondas feministas e do *mulherismo*. No Brasil podemos citar a ANPUH, que iniciou um GT sobre gênero a partir de 2001 e que vem ganhando espaços tanto na ANPUH nacional, regional, quanto nas instituições de ensino superior. Mas ainda assim, podemos notar que há lacunas no campo historiográfico, em eventos e no ensino de história sobre gênero, raça, África e Diáspora, ou seja, são lutas constantes, em busca de garantir mais espaços, de inserção e inclusão das histórias femininas a partir desses recortes.

¹⁹ PINSKY, Carla. In: "Estudos de Gênero e História Social". In: Estudos Feministas, Florianópolis, janeiro-abril/2009, p 162.

²⁰ SOIHET, R. Violência simbólica. Saberes Masculinos e representações femininas. Estudos Feministas, Rio de Janeiro, 1997, v. 5 n.1, p. 4-5.

5.3 MATERIAIS DIDÁTICOS, EDUCAÇÃO E AS LEIS EDUCACIONAIS NO BRASIL

Para falar de materiais didáticos é necessário falar da educação e das políticas públicas que orientam esses materiais. Na sociedade civil “*a educação brasileira passou por uma série de mudanças institucionais. O período da redemocratização marcou as bases para a implantação de um conjunto de políticas públicas que buscou demarcar os postulados da educação.*”²¹, como o autor traz as políticas dos Parâmetros Curriculares, a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) criada em 1996, que visa:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.²²

O PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) criado em 2007, sendo uma política de Estado que tem como base a produção de livros didáticos para o âmbito escolar nacional, inclusive o livro didático é um material que serve como um instrumento poderoso para a construção identitárias nacionais moderna e contemporânea²³. Também ressaltamos a importância da lei 10.639 de 2003, que preza pelo:

§ 1º (...) estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.²⁴

Assim como a lei 11.645 de 2008 que preza pelo ensino dos:

§ 1º (...) diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade

²¹ VITTORETTO, Bruno. In: “Dendê e as relações coloniais em África”, Tese de Mestrado, Universidade Federal Juíz de Fora- MG, 2017, p. 06.

²² Acessado em 18 de março de 2019: site do planalto sobre a LDB lei 1996, Art, p.08-
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm

²³ CHOPPIN, Alain. In: “O historiador e o livro escolar”. In: História da Educação, Universidade Federal de Pelotas (11), Abril 2002, p.10.

²⁴ Acessado em 21 de março de 2019: site do planalto sobre a Lei 10.639/03, sanção da lei 09 de janeiro de 2003 pelo governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva-
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm

nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.²⁵

E por fim acrescentamos a orientação mais recente aprovada pelo Estado brasileiro, denominada BNCC²⁶ (Base Nacional Curricular Comum) de dezembro de 2018. Todas essas políticas citadas dão suporte para a educação nas escolas e na sala de aula, ou ao menos deveriam dar.

Dessa forma, podemos pensar quais dessas políticas estão diretamente ligadas com os materiais paradidáticos? Formos visitar a página do MEC encontramos abordagens sobre o livro paradidático para os anos de 1º e 2º ano do ensino fundamental e os livros didáticos para todas as séries/anos. Aqui já eventualmente mostra-se uma certa ausência do material paradidático por parte das políticas públicas, mais ao mesmo tempo tem um paradoxo, visto que há boa parte da distribuição desses materiais nas escolas. O que seria de fato um material paradidático?

A autora Beatriz Thomson traz a definição de materiais paradidáticos sendo caracterizado por serem materiais de auxílio para o uso do livro didático, e apresenta diversas tipologias tais como: “(...) *fascículos, revistas, textos literários, livros temáticos etc. Inclusive, de acordo com Fonseca (2003,p. 54), muitos dos materiais paradidáticos “[...] tornaram-se um novo campo para a publicação dos trabalhos acadêmicos.*”²⁷. A autora Ernesta Zamboni também traz uma definição sobre os livros paradidáticos que tem como “*finalidade de complementar o livro didático, subsidiar o trabalho docente e oferecer ao professor e aos alunos novas abordagens a respeito dos tema e/ou propor outros.*”²⁸.

É importante ressaltar que ambas discutem sobre a finalidade dos livros paradidáticos enquanto instrumentos de auxílio e não autônomos por completo. Em virtude desse aparato, nota-se a ausência de produções acadêmicas sobre a temática de livro paradidático na região nordeste e norte do país, mostrando uma presença de pesquisas nas instituições acadêmicas da região sul e sudeste, algo que também pode ser pontuada nas questões das produções desses mesmos materiais, que na maioria das vezes são feitos na região sudeste e sul do país e são

²⁵Acessado em 21 de março de 2019: site do planalto sobre a Lei 11.645/08, sanção da lei 10 de março de 2008 pelo governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva- http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm

²⁶ BNCC (Base Nacional Curricular Comum), documento regido pelo Ministério da Educação é tem como objetivo construir um currículo escolar nacional. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, MINISTRO DA EDUCAÇÃO: Rossieli Soares da Silva. In: “BNCC- Base Nacional Comum Curricular”- Brasília, 2018, p.600.

²⁷ THOMSON, Beatriz. “Os paradidáticos no ensino de História”. Revista do Lhiste, Porto Alegre, num.4, vol.3, jan/jun. 2016, p.30.

²⁸ ZAMBONI, Ernesta. “Que História é essa?” Uma proposta analítica dos livros paradidáticos de história. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991,p. 2.

distribuídas para as demais regiões, e que podem trazer representações equivocadas ou até mesmo ausenta-las nesses materiais, ou seja, não condizer com a realidade e especificidades de cada região. Trazendo assim mais uma inquietação, essas produções que são vendidas para todo o território brasileiro, contempla as mulheres, as populações negras, indígenas e quilombolas em escalas locais?

Sendo assim, o ensino de história é uma ferramenta importante na escola para formação cidadã do/a indivíduo/a. Posto que as autoras Maria Auxiliadora, Isabel Barca, Circe Maria Bittencourt, Helenice Ciampi, Ana Maria Monteiro, dentre outras, dessa área, nos mostram a importância das aulas de História para formação de cidadãos, da construção/reafirmação de identidades, para dar sentido de pertencimento, para fazer contextualização e a construção da consciência histórica.

(...) o ensino de história enquanto “lugar”. Lugar teórico, de produção e transmissão de saberes; “lugar de fronteira”: entre História e Educação, de confluência de e com outros múltiplos saberes, o que nos desafia permanentemente ao dever de vigilância ética, política e epistemológica ao atuar entre a necessidade de ensinar saberes referentes ao passado, ao mesmo tempo em que se contribui para desenvolver o pensamento e a reflexão crítica dos alunos, cidadãos atuantes na sociedade em que vivem; “lugar de memória”, na perspectiva que possibilita relacionar o vivido (memórias espontâneas) com o ensinado/aprendido (saberes curricularizados, saberes ensinados, saberes aprendidos), rever saberes e compreensões que os tornam próprios e particulares, plenos de um saber do mundo na construção de conhecimentos de uso cotidiano, de memórias. (MONTEIRO: 2007, p.03).

5.4 IMPORTÂNCIA DA PRODUÇÃO DE PARADIDÁTICOS: CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

*“A história está preocupada em estudar e explicar as ações humanas no tempo”*²⁹

Reconhecendo a importância do ensino de história enquanto componente curricular nas escolas, segundo a autora, é necessário pensar como se dá o processo de conhecimento no espaço escolar, porque nesse ambiente há interação entre os sujeitos e objetos, no contexto sócio-cultural, nesse sentido, podemos ressaltar aqui qual a função prática do livro paradidático no ensino de História enquanto uma ferramenta de formação? Visto que:

(...) o ensino de história contribui de forma importante para a construção e reconstrução do conhecimento cotidiano, utilizado por todos nós para a vida comum, e no qual operamos com a “memória” – construção individual realizada a partir de

²⁹ CIAMPI, Helenice. In: “O processo do conhecimento/pesquisa no ensino de história”. HISTÓRIA & /ENSINO, Londrina, v. 9, out- 2003, p.113).

referências culturais coletivas, embora não possamos dizer que exista uma memória coletiva.³⁰

Ciampi traz através de E.P Thompson tais referências culturais caracterizadas a partir de processos das experiências cotidianas (viver, pensar e agir), ou seja, a cultura sendo um processo que se cria, que se transforma, não sendo algo estático. Sendo a escola um espaço próprio para ser levantadas reflexões e serem debatidas em aspectos sociais e históricos para que as e os estudantes possam se identificar e sentirem pertencentes na História. Dessa forma, podemos destacar que há:

Outra contribuição que o livro traz é a de poder incluir alguns debates presentes somente em obras ainda não traduzidas em português. Enfim, o livro apresenta-se como uma contribuição na “transposição didática” de todo esse conhecimento, que por sua vez pode ser válido de alguma forma para as pessoas inseridas nos espaços escolares³¹

Porém não podemos esquecer que os materiais didáticos não surgiram como caráter somente pedagógico, tiveram e têm uma forte influência do mercado editorial, sendo que até nos dias de hoje há disputa editorial tanto para fazer as produções quanto para o consumo, ou seja, para a escolha do uso ou compra desses materiais pelo MEC com o interesse por parte privada (mercadológica, massiva e de consumo imediato).

Nesse sentido, devemos procurar compreender o surgimento dos paradidáticos também dentro do contexto mercadológico e editorial, pois compreende-se que “[...] os paradidáticos não são tão inocentes, pois sua tessitura é montada com o objetivo de consumo imediato e massivo, semelhante a qualquer tipo de mercadoria vendável³²

As produções de materiais didáticos modificaram as formas de pensar o Ensino de História, sobretudo os livros paradidáticos mobilizaram novas dinâmicas para o ensino, porém ainda há o dilema de ser um auxílio ou ser uma detenção ao professor/a. Considerando o ensino de história e a produção dos materiais didáticos é necessário pensar sobre a temática escolhida: a escravidão por exemplo? é um tema sensível, como é trabalhado nas aulas tanto nos aspectos historiográficos quanto didáticos?; Por exemplo:

³⁰ MONTEIRO, A. M. F.C. . Ensino de História: entre História e Memória. In: Gilvan Ventura da Silva; Regina Helena Silva e Simões; Sebastião Pimentel Franco. (Org.). História e Educação: territórios em convergência. 1ed.Vitória(ES): GM/ PPGHIS/UFES, 2007, v. 1, p.11.

³¹ VITTORETTO, Bruno. In: “Dendê e as relações coloniais em África”, Tese de Mestrado, Universidade Federal Juíz de Fora- MG, 2017, p.08.

³² THOMSON, Beatriz. “Os paradidáticos no ensino de História”. Revista do Lhiste, Porto Alegre, num.4, vol.3, jan/jun. 2016, p.31.

(...) “cativo” e “escravo” não eram sinônimos, no Império português ou na monarquia brasileira. O cativo era aquele que havia sido capturado e, a partir daí, privado de sua liberdade. Apesar do peso do tráfico africano na reprodução da escravidão no Brasil, o termo “cativeiro” é bem mais presente nas fontes brasileiras escritas referentes à escravidão indígena, caso em que o apresamento se dava de forma mais próxima. Em qualquer caso, escravo era aquele que já nascera sob esta condição jurídica. A condição de mercadoria e a submissão a um senhor, além da idéia de trabalho forçado, estão todos mais relacionados à definição de escravo do que a de cativo.³³

No campo da didática a partir do texto “*A formação da consciência histórica: ideias de alunos em relação ao conceito escravidão africana no Brasil*”, da autora Rosi Terezinha Ferrarini Gevaerd, podemos perceber que não tiveram muitas mudanças nessa visão sobre a escravidão:

Os africanos eram capturados e trazidos para o Brasil. Quando chegavam aqui vestiam uma roupa simples e eram batizados na capela como cristãos. Alguns trabalhavam na casa do senhor do engenho que se localizava em um local mais alto, para observar o trabalho escravo. Principalmente as mulheres trabalhavam na casa do senhor de engenho, pois amamentavam os seus filhos. Quando chegava a noite, os escravos iam dormir na senzala para acordar cedo novamente e ir ao trabalho (Anelise1, 11 anos).³⁴

No fragmento acima também se refere a nossa principal temática que são as mulheres, mostrando uma das poucas representações que são ensinadas sobre as mulheres no ensino de História. Por isso a importância da presença e das representações das mulheres na historiografia e no ensino de História, principalmente nos materiais didáticos. Sendo uma inserção que pautada pela importância e que busque compreender a História a partir das experiências femininas, para que o ensino de História e “*A história feminista deixa, então, de ser apenas uma tentativa de corrigir ou suplementar um registro incompleto do passado, e se torna um modo de compreender criticamente como a história opera enquanto lugar de produção do saber de gênero.*”³⁵

³³ MATTOS, Hebe. “Escravidão, pós-abolição e a política da memória”, *Afro-Ásia*, 49, 2014, p.358.

³⁴ GEVAERD, Rosi Terezinha F. “A formação da consciência histórica: ideias de alunos em relação ao conceito escravidão africana no Brasil. *Diálogos* (Maringá. Online), v.19, n.1, jan.-abr./2015. DOI 10.4025/dialogos.v19i1.1067, p.392.

³⁵ PEDRO, Joana Maria. SOIHET, Raquel. “A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, nº 54, 2007, p.291.

6 CONCLUSÃO

Levando em consideração o que foi explanado até aqui, temos como expectativa, que a produção do livro paradidático sirva tanto como uma ação pedagógica através das experiências já vivenciadas, como ação pedagógica para pesquisas e estágios futuros. Buscamos atender o PPC com esse caráter de ação pedagógica, mais também com um olhar sobre o nosso objetivo principal que é a produção de um livro paradidático, visando assim, que ele possa contribuir com o ensino de história, a partir das experiências femininas africanas e afro-brasileiras.

Portanto, que possa cooperar para a potencialidade das pesquisas em ensino de história, assim como em outros espaços de construção de conhecimentos, que possa ser usufruído e utilizado através do interesse de cada professor/a, estagiária/o, e demais interessados no campo do ensino-aprendizagem, que acredita em um ensino de história mais igualitário e consciente.

REFERÊNCIAS

- Acessado em 18 de março de 2019, site do MEC, sobre a PNLD-
<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld>.
- Acessado em 18 de março de 2019, site do planalto, sobre a LDB lei 1996-
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm.
- Acessado em 18 de março de 2019, site do planalto, sobre a LDB 2017-
http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf.
- Acessado em 21 de março de 2019, site do planalto, sobre a Lei 10.639/03-
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm.
- Acessado em 21 de março de 2019, site do planalto, sobre a Lei 11.645/08-
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm.
- Acessado em 22 de fevereiro de 2019, “O perigo de uma história única”- Chimamanda Adichie- <https://www.youtube.com/watch?v=ZUtLR1ZWtEY>
- Acessado em 05 de agosto de 2019, “Gt da ANPUH sobre Estudos de Gênero:
<https://anpuh.org.br/index.php/grupos-de-trabalho/atividades/item/296-gt-estudos-de-genero>
- Acessado em 05 de agosto de 2019, página do Gt da ANPUH sobre Estudos de Gêneros-
Histórico: <http://gtgenero.paginas.ufsc.br/historico/>
- Acessado em 05 de agosto de 2019, página dos PCN’s sobre orientação sexual, no site do
MEC- <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>
- Acessado em 05 de agosto de 2019, página dos PCN’s sobre pluralidade cultural, no site do
MEC- <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro101.pdf>
- BURKE, Peter. “A NOVA HISTÓRIA, SEU PASSADO E SEU FUTURO. IN: Capítulo
introdutório do livro A escrita da História: novas perspectivas - São Paulo: Editora UNESP.
1992, p. 01-13.
- CIAMPI, Helenice. In: “O processo do conhecimento/pesquisa no ensino de história”.
HISTÓRIA & ENSINO, Londrina, v. 9, out- 2003, p. 109-132.
- CHOPPIN, Alain. In: “O historiador e o livro escolar”. In: História da Educação, Universidade
Federal de Pelotas (11), Abril 2002, p.5-24.
- FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes;
AMADO, Janaína (Orgs.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 3-13.
- GEVAERD, Rosi Terezinha F. “A formação da consciência histórica: ideias de alunos em
relação ao conceito escravidão africana no Brasil. Diálogos (Maringá. Online), v. 19, n.1,
2007, jan.-abr./2015. DOI 10.4025/dialogos.v19i1.1067, p. 385-396.

MATTOS, Hebe. “Escravidão, pós-abolição e a política da memória”, *Afro-Ásia*, 49, 2014, p. 353-364.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, MINISTRO DA EDUCAÇÃO: Rossieli Soares da Silva. In: “BNCC- Base Nacional Comum Curricular”- Brasília, 2018, p.600.

MONTEIRO, A. M. F.C. Ensino de História: entre História e Memória. In: Gilvan Ventura da Silva; Regina Helena Silva e Simões; Sebastião Pimentel Franco. (Org.). *História e Educação: territórios em convergência*. 1ed.Vitória(ES): GM/ PPGHIS/UFES, 2007, v. 1, p. 01-26.

PEDRO, Joana Maria. SOIHET, Raquel. “A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, 2007, v. 27, nº 54, p. 281-300.

PEDRO, Joana Maria. “Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea”. *Topoi*, v. 12, n. 22, jan.-jun. 2011, p. 270-283.

PINSKY, Carla. In: “Estudos de Gênero e História Social”. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, janeiro-abril/2009, p.159-189.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. GARCIA, Tânia Maria. “A Formação da Consciência Histórica de Alunos e Professores e o Cotidiano em Aulas de História.”. In: *Cad. Cedes*, Campinas, vol. 25, n. 67, set./dez. 2005, p. 297-308.

SILVA, Ludmilla Martins Gomes da Silva. COSTA, Magnusson. “Relatório de Análise do Livro Didático de História”. In: *Componente Curricular Obrigatório- Laboratório de ensino, fontes e métodos I*, dez.2017, p. 1-12.

SOIHET, R. *Violência simbólica. Saberes Masculinos e representações femininas*. Estudos Feministas, Rio de Janeiro, 1997, v. 5 n.1, p. 01-23.

THOMSON, Beatriz. “Os paradidáticos no ensino de História”. *Revista do Lhiste*, Porto Alegre, num.4, vol.3, jan/jun. 2016, p.27-49.

VITTORETTO, Bruno. In: “Dendê e as relações coloniais em África”, Tese de Mestrado, Universidade Federal Juíz de Fora- MG, 2017, p.41.

ZAMBONI, Ernesta. “Que História é essa?” Uma proposta analítica dos livros paradidáticos de história. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.